

David A. Dorsey

ESTRUTURA  
LITERÁRIA  
DO ANTIGO  
TESTAMENTO

COMENTÁRIO DE  
GÊNESIS A MALAQUIAS

# Sumário

---

Prefácio.....	9
Abreviações.....	11
<b>Unidade 1: Introdução</b>	
1. Introdução.....	15
2. Unidades literárias.....	22
3. Arranjo de unidades.....	28
4. Estrutura e significado.....	40
5. O valor da análise estrutural.....	47
<b>Unidade 2: Livro da Lei de Moisés</b>	
6. Livro da Lei: Prólogo histórico: Gênesis 1.1—Êxodo 19.2.....	53
7. Livro da Lei: Tratado do Sinai: Êxodo 19.3—Números 10.10.....	83
8. Livro da Lei: Conclusão histórica: Números 10.11—Josué 24.33.....	97
9. Livro da Lei: Unidade estrutural.....	112
<b>Unidade 3: Livros históricos</b>	
10. Juízes: A espiral descendente de Israel.....	121
11. Rute: O poder da bondade.....	140
12. Samuel: Davi — um homem segundo o coração de Deus.....	149
13. Reis: A revolta de Israel contra Deus.....	158
14. Crônicas: Momentos encorajadores da história de Israel.....	167
15. Esdras-Neemias: O povo de Deus volta a Jerusalém.....	182
16. Ester: A providência divina protege o povo de Deus.....	187
<b>Unidade 4: Livros poéticos</b>	
17. Jó: Onde encontrar a sabedoria?.....	193
18. Salmos: Hinos e orações de Israel a Deus.....	200
19. Provérbios: Yahweh — a fonte de toda a sabedoria.....	217
20. Eclesiastes: Só Deus tem a chave do sentido da vida.....	223
21. Cântico dos Cânticos: Amor — a chama de Yahweh.....	231
<b>Unidade 5: Profetas Maiores</b>	
22. Isaías: Confie somente em Yahweh.....	251
23. Jeremias: Profeta a uma nação hostil.....	274
24. Lamentações: As misericórdias de Deus se renovam a cada manhã.....	286
25. Ezequiel: Visões da glória de Deus.....	294
26. Daniel: A supremacia de Deus sobre todos os poderes terrenos.....	301

**Unidade 6: Profetas Menores**

27. Oseias: Volta, ó Israel infiel .....	307
28. Joel: Yahweh levanta a voz diante de seu exército.....	316
29. Amós: O leão rugiu.....	321
30. Obadias: A queda de Edom e a ascensão de Judá .....	333
31. Jonas: Uma lição sobre misericórdia .....	337
32. Miqueias: Anda humildemente com o teu Deus.....	345
33. Naum: Onde está, agora, o covil dos leões? .....	350
34. Habacuque: O justo viverá pela fé .....	355
35. Sofonias: O dia de Yahweh está próximo .....	359
36. Ageu: Reconstruam o Templo! .....	364
37. Zacarias: Yahweh habitará novamente entre o seu povo .....	367
38. Malaquias: Em que roubamos a Deus? .....	372

**Unidade 7: Conclusão**

39. Considerações finais .....	379
Bibliografia.....	381

# Prefácio

---

Comecei a escrever este livro há cerca de dez anos, embora meu interesse pela estrutura literária hebraica remonte a uma década antes disso. Meu fascínio pelo assunto foi despertado quando comecei a ministrar cursos do Antigo Testamento no seminário. Naquela época, fiquei impressionado com a aparente falta de ordem em muitos dos livros bíblicos. Jeremias parecia irremediavelmente confuso em sua organização, assim como Isaías, Oseias e a maioria dos profetas. Cântico dos Cânticos e Eclesiastes aparentavam estar em quase completa desordem e até mesmo os livros históricos mais bem-ordenados, como Josué e Reis, mostravam sinais de uma organização estranhamente descuidada. Por que os autores bíblicos escreveram assim? Eu nunca escreveria um livro, um artigo ou mesmo uma carta pessoal com esse grau de desorganização.

Fiquei intrigado com a possibilidade de que os autores hebreus houvessem organizado suas composições segundo convenções literárias diferentes das nossas. Comecei a descobrir, ao longo de vários anos, que diversos padrões estruturantes raramente usados por nós eram notavelmente comuns nos livros da Bíblia Hebraica, particularmente o quiasmo (simetria), o paralelismo e o padrão sétuplo (padrão de sete vezes). Fiquei cada vez mais impressionado com a frequência que esses padrões foram aplicados para organizar livros bíblicos. A tarefa de analisar a estrutura dos livros do Antigo Testamento foi longa e árdua. Passei por muitas frustrações e ainda não tenho certeza de algumas análises. Entretanto, espero ter feito alguns progressos importantes.

No curso de minha pesquisa, os trabalhos de certos estudiosos foram inestimáveis, incluindo os de James Muilenburg, D. W. Gooding, James Limburg, H. Van Dyke Parunak, S. Bar-Efrat, Robert E. Longacre, Umberto Cassuto, William L. Holladay, William H. Shea, Robert Alter, Adele Berlin e J. Cheryl Exum. Também fui ajudado pelo trabalho do Summer Institute of Linguistics,

particularmente os estudos de Wilbur Pickering, John Beekman, John Callow e Michael Kopesec.

De início, planejei incluir análises de todos os livros do Antigo Testamento. Depois, a razão falou mais alto, e selecionei uma pequena amostra de livros bíblicos para me concentrar. No final, no entanto, Kenneth Miller, meu colega na Evangelical School of Theology, convenceu-me a voltar atrás nessa decisão e retornar a meu (imprudente) plano original. Estou plenamente consciente de que o que ganhei em amplitude, pela maior abrangência, perdi em profundidade. Mas estou satisfeito com a decisão e espero que o resultado seja mais útil aos leitores.

Diversas pessoas me foram de inestimável ajuda durante a escrita deste livro. Amigos e colegas me incentivaram e auxiliaram: Susan Mittan, Ted e Diane Clem, Bill e Susan Mahan, Janet Hensel, David Dubble, Barbara Key (Kepler), Jane e Larry Baudoin, Michael True e Janet Stauffer, bem como os professores H. Douglas Buckwalter, Richard E. Averbeck, Barbara Snyder, Eugene H. Merrill, Alice Via e Anson F. Rainey. O dr. Alan W. Pense, presidente do conselho do seminário, e o dr. Kirby N. Keller, presidente e reitor do seminário, foram maravilhosamente solidários e generosos durante todo o processo. Muitos outros membros da comunidade do seminário, incluindo funcionários e alunos, contribuíram para o projeto de várias maneiras práticas.

A ajuda de Doug Buckwalter no processo de edição foi um trabalho de amor. Ele gentilmente leu e editou todo o manuscrito, oferecendo centenas de sugestões excelentes. O produto final ficou muito melhor por causa de seu olhar aguçado e suas ótimas recomendações.

Devo mais do que consigo expressar à minha esposa, Jan. Ela tem sido uma fonte contínua de encorajamento, inspiração e assistência prática ao longo dos anos. Jan me ajudou, de modo incansável e corajoso, a superar as dificuldades causadas pela doença crônica, às vezes debilitante, com que

precisei lutar durante os últimos vinte anos. Suas orações e apoio são provavelmente a principal razão (humanamente falando) de eu ter conseguido completar esta obra. Além disso, suas muitas sugestões valiosas enriqueceram todo o livro.

Meus pais faleceram durante o período em que escrevi este livro. Meu pai, Alden Jake Dorsey, faleceu em 1991; minha mãe, Opal Pearl Dorsey, morreu em 1997. Lamento que nenhum dos dois

tenha vivido para ver esta publicação. Foi minha mãe quem me deu o amor pela literatura. Ela lia regularmente para meu irmão, Stephen, e para mim desde que me lembro. Ainda tenho muitas lembranças boas daquelas maravilhosas histórias, antes de dormir, cujas estruturas — como as da Bíblia — foram projetadas para o ouvido, não para a visão. É à memória dela que dedico, com gratidão, este livro.

# Abreviações

---

## Geral

BHS      Bíblia Hebraica Stuttgartensia

## Livros do Antigo Testamento

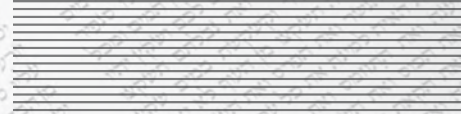
Gn	Gênesis	Ec	Eclesiastes
Êx	Êxodo	Ct	Cântico dos Cânticos
Lv	Levítico	Is	Isaías
Nm	Números	Jr	Jeremias
Dt	Deuteronômio	Lm	Lamentações
Js	Josué	Ez	Ezequiel
Jz	Juízes	Dn	Daniel
Rt	Rute	Os	Oseias
1Sm	1Samuel	Jl	Joel
2Sm	2Samuel	Am	Amós
1Rs	1Reis	Ob	Obadias
2Rs	2Reis	Jn	Jonas
1Cr	1Crônicas	Mq	Miqueias
2Cr	2Crônicas	Na	Naum
Ed	Esdras	Hc	Habacuque
Ne	Neemias	Sf	Sofonias
Et	Ester	Ag	Ageu
Jó	Jó	Zc	Zacarias
Sl	Salmos	Ml	Malaquias
Pv	Provérbios		

**Nota:** sempre que a numeração de versículos em hebraico e em inglês [e português] divergir, a numeração da Bíblia em inglês aparecerá primeiro, seguida da numeração hebraica entre colchetes. Por exemplo: Salmos 3.1-2 [3.2-3] indica que a numeração em inglês é 3.1-2, e a numeração em hebraico é 3.2-3.



# Unidade 1

## Introdução



# 1

## Introdução

---

Todas as composições literárias têm estrutura. Um livro, uma carta pessoal, um sermão e até mesmo uma receita de bolo têm uma organização interna, às vezes chamada de “estrutura superficial”.<sup>1</sup> Um sermão típico, por exemplo, pode ser organizado em três partes: introdução, corpo de três pontos e conclusão. Um sermão não seria apreciado ou compreensível se simplesmente consistisse em centenas de declarações não relacionadas, uma após a outra, sem qualquer ordem perceptível. A prática de estruturar a comunicação, seja escrita, seja oral, é universal entre os seres humanos, como mostram os estudos de inúmeras línguas e dialetos do mundo inteiro.<sup>2</sup> Os seres humanos apreciam a comunicação organizada e estruturada, e precisam dela.

Isso também era verdade no Antigo Israel. As páginas do Antigo Testamento refletem um grande interesse em estrutura literária. Os autores e editores hebreus geralmente se esforçavam

muito para organizar as composições de maneira a facilitar a transmissão das mensagens.

O propósito desta obra é duplo: (1) estudar a estrutura interna de cada livro do Antigo Testamento e (2) considerar a relação entre essa estrutura e seu significado e mensagem.

### A dificuldade de estudar estrutura literária

Analisar as estruturas dos livros do Antigo Testamento é difícil por duas razões. Primeira, os autores hebreus não usavam marcadores estruturais gráficos e visuais para ajudar os leitores a acompanhar sua organização. Os manuscritos originais de suas composições, como a maioria das obras escritas nos tempos antigos, provavelmente continham poucos indicadores gráficos de sua organização, ou talvez nenhum. As divisões de capítulos e versículos do Antigo Testamento foram feitas séculos depois que os livros foram escritos. Ao contrário das Bíblias modernas, o texto dos antigos manuscritos hebraicos geralmente corria sem quebra, preenchendo coluna após coluna, de cima para baixo e de um lado a outro, sem títulos, subtítulos, recuos ou quaisquer outros marcadores visuais de estrutura.<sup>3</sup>

Os leitores modernos não estão acostumados a essa falta de auxílios visuais. Nos textos modernos, uma série de técnicas gráficas tornam claras as intenções organizacionais de um autor. Como H. Van Dyke Parunak observa:

Sinais gráficos bombardeiam o leitor de um livro na cultura ocidental moderna. Itálicos ou sublinhados destacam palavras e expressões de especial importância, enquanto parênteses,

---

<sup>1</sup>Segundo S. Bar-Efrat, “Some observations on the analysis of structure in Biblical narrative”, *Vetus Testamentum* 30 (1980), p. 155, “pode-se definir estrutura como a rede de relações existentes entre as partes de um objeto ou unidade”. Estruturalistas modernos, como Claude Lévi-Strauss, Ferdinand de Saussure e Noam Chomsky, distinguem a “estrutura superficial” de uma composição de sua “estrutura profunda”. Para uma aplicação desse estudo mais subjetivo da estrutura temática à literatura bíblica, veja Robert M. Polzin, *Biblical structuralism: Method and subjectivity in the study of ancient texts* (Semeia Supplements; Missoula: Scholars Press, 1977); veja também Jean Piaget, *Structuralism*, tradução para o inglês de Chanhah Maschler (New York: Harper and Row, 1970) [Publicado em português por Difel sob o título *O estruturalismo*]; Robert C. Culley, “Structural analysis: Is it done with mirrors?”, *Interpretation* 28 (1974), p. 165-81; Anthony C. Thiselton, “Keeping up with recent studies II: Structuralism and Biblical studies: Method or ideology?”, *Expository Times* 89 (1978), p. 329-35; R. E. Longacre, *An anatomy of speech notions* (Lisse: de Ridder, 1976), p. 98-196.

<sup>2</sup>Longacre, *Anatomy of speech notions*; idem, “The paragraph as a grammatical unit”, *Syntax and Semantics* 12 (1979), p. 116-7; Joseph E. Grimes, *The thread of discourse* (Haia: Mouton, 1975), p. 91-6, 101-11.

<sup>3</sup>Com certeza, alguns textos antigos que chegaram até nossos dias contêm alguns indicadores estruturais gráficos (e.g., as marcas em forma de barras inclinadas, usadas às vezes para indicar novos parágrafos na correspondência acadêmica el-Amarna), mas, em geral, o leitor moderno fica impressionado com a aridez e a uniformidade visual que caracterizam as colunas de textos antigos.



notas de rodapé e apêndices removem o material periférico do ponto central do argumento do escritor. Cabeçalhos de capítulos, títulos de seções e recuos de parágrafos dividem o texto em segmentos cujos limites coincidem com unidades do pensamento dos escritores. Sumários esboçam o livro inteiro e, às vezes, até capítulos ou artigos dentro do livro.<sup>4</sup>

A ausência desses marcadores de estrutura visual não significa que os autores antigos não estivessem atentos à estrutura de suas composições ou que essa estrutura seguisse padrões menos rigorosos do que os de nossos livros atuais. Ao contrário, numerosos estudos linguísticos de várias línguas tribais ágrafas sugerem que as composições de orientação auditiva geralmente apresentam padrões estruturais sofisticados. De fato, muitas vezes mais sofisticados do que os correspondentes ocidentais modernos.<sup>5</sup> A aparência monótona dos textos antigos reflete a realidade cultural de que eles foram escritos principalmente para serem ouvidos, não vistos.<sup>6</sup> Em geral, os textos eram redigidos para serem lidos em voz alta, quer a pessoa lesse para si, quer para um público.<sup>7</sup> Conseqüentemente, um escritor da Antiguidade tendia a usar sinais estruturais que o público ouvinte conseguisse perceber. Os sinais eram feitos para o ouvido, não para o olho, uma vez

que os marcadores visuais seriam de pouco valor para um público ouvinte.<sup>8</sup>

Portanto, para estudar estrutura na Bíblia Hebraica é preciso prestar muita atenção a indicadores estruturais orais — como fazemos, por exemplo, quando ouvimos um sermão e tentamos entender suas linhas gerais e pontos principais. A Bíblia Hebraica está cheia dessas pistas estruturais orais (e.g., Amós repetindo a frase “por três transgressões de *x* e por quatro, não retirarei minha ira”, ou o periódico “estas são as gerações de *x*”, em Gênesis). Para seguir a organização de um autor bíblico, é preciso aprender a prestar atenção aos marcadores de estrutura orais (ou ouvir!).

A segunda dificuldade no estudo da estrutura na Bíblia Hebraica é que os antigos padrões e técnicas de estruturação hebraicos eram diferentes dos nossos.<sup>9</sup> Por exemplo, simetria, paralelismo e repetição estruturada (termos que definirei em breve) aparecem em toda a literatura do Antigo Testamento. Esses e outros padrões relacionados são tão estranhos aos leitores modernos que é fácil não os notar ou, então, entendê-los de maneira equivocada. Para investigar a estrutura na Bíblia Hebraica, o leitor deve deixar de lado as expectativas ocidentais e prestar atenção a essas convenções estruturantes menos familiares, que eram naturais no Antigo Israel — de modo semelhante ao que os linguistas modernos fazem ao analisar as línguas tribais ágrafas.<sup>10</sup>

<sup>4</sup>H. Van Dyke Parunak, “Oral typesetting: Some uses of Biblical structure”, *Biblica* 62 (1981), p. 153.

<sup>5</sup>Veja, por exemplo, as afirmações, os exemplos e a bibliografia in: Parunak, “Oral typesetting”, n. 2, p. 154; Longacre, “Paragraph as a grammatical unit”, p. 117-34; Wilbur Pickering, *A framework for discourse analysis* (Arlington: Summer Institute of Linguistics/University of Texas at Arlington Press, 1980).

<sup>6</sup>Segundo Parunak, “Oral typesetting”, p. 153, outra razão pela qual os escritores antigos geralmente evitavam esses sinais gráficos espaciais poderia ser para diminuir o gasto com o material de escrita, tão precioso que os documentos anteriores eram muitas vezes apagados para que se pudesse reutilizar o papel ou pergaminho.

<sup>7</sup>H. Van Dyke Parunak, “Some axioms for literary architecture” (artigo lido na Midwest Regional Meeting of the American Oriental Society e na Society of Biblical Literature, em Ann Arbor, 23 de fevereiro de 1981); Josef Balog, “Voces Paginarum”, *Philologus* 82/36 (1926-27), p. 35-109, 202-40; G. L. Hendrickson, “Ancient Reading”, *Classical Journal* 25 (1929-30), p. 182-96; Yehoshua Gitay, “Deutero-Isaiah: Oral or written?”, *Journal of Biblical Literature* 99 (1980), p. 190-4. Agostinho (*Confissões* 6.3) expressa seu espanto ao ver Ambrósio ler um livro sem mover os lábios.

<sup>8</sup>Textos escritos em uma sociedade auditiva naturalmente tenderiam a usar marcadores de divisão orientados auricularmente, em vez de visualmente. Parunak, “Some axioms for literary architecture”, p. 4, escreve: “A página impressa pode exibir informações em duas dimensões, mas a linguagem falada é unidimensional, no sentido de que uma palavra segue outra em ordem estritamente linear. Estamos acostumados a aproveitar ao máximo os recursos bidimensionais do meio escrito. Porém, em uma sociedade auditiva, acostumada somente a uma língua falada unidimensional, é provável que mesmo os materiais escritos mantenham as características da unidimensionalidade”. Veja também John Beekman, John Callow e Michael Kopesec, *The semantic structure of written communication* (Dallas: Summer Institute of Linguistics, 1981), p. 33.

<sup>9</sup>A diferença entre as convenções literárias hebraicas e as nossas é mais conhecida na área da poesia. Alguns dos padrões e técnicas usados na poesia hebraica são bastante estranhos para nós, como o uso de paralelismo e de quiasmo e o pouco valor dado a rimas e métrica rígida.

<sup>10</sup>Para um exemplo, veja Longacre, “Paragraph as a grammatical unit”, p. 120.

### **Etapas do estudo da estrutura literária**

Estudar a estrutura de uma composição é simplesmente identificar e explicar sua organização interna (i.e., seu esquema ou arranjo). Isso envolve três etapas: (1) identificar as partes constituintes da composição (“unidades”); (2) analisar o arranjo dessas partes; (3) estudar a relação da estrutura da composição com o respectivo significado (i.e., identificar o papel da estrutura na transmissão da mensagem da composição).

#### ***Identificar as unidades constituintes de uma composição***

A primeira etapa da análise da estrutura de uma composição é a identificação das unidades constituintes. Qualquer peça de literatura, escrita ou oral, é composta de uma série de partes, ou unidades, que constituem os elementos básicos da composição. Por exemplo, um sermão pode ter cinco partes principais: introdução, três pontos principais e conclusão. Esse fenômeno de organizar composições em partes, às vezes chamado de “empacotamento”,<sup>11</sup> parece originar-se de uma limitação básica da mente humana:

A mente humana não pode lidar com grandes quantidades de informação, a menos que aplique o princípio do “empacotamento”. [...] Parece que existem certas características gerais da mente que são comuns a todas as pessoas e que determinam quando uma quantidade de informação chegou a um ponto em que ela deve ser organizada em pacotes separados, em vez de continuar a informar.<sup>12</sup>

Com base em seus estudos de composições escritas e orais de vários grupos de línguas, John Beekman, John Callow e Michael Kopeseć observam que sete parece ser o número médio universal de pacotes literários, com grupos de três a nove sendo relativamente comuns.<sup>13</sup>

<sup>11</sup>Esse fenômeno é discutido em Beekman, Callow e Kopeseć, *Semantic structure of written communication*, p. 14-5.

<sup>12</sup>Ibidem, p. 15.

<sup>13</sup>Ibidem, p. 15. Pickering, *Framework for discourse analysis*, p. 10, concorda. A ideia de sete como o número médio para o empacotamento foi proposta pela primeira vez pelo psicólogo George Miller, “The magical number seven, plus or minus two: Some limits on our capacity for information processing”, *Psychological Review* 63 (1956), p. 81-97. Miller conclui que o padrão reflete uma característica inerente à mente humana.

Uma composição é normalmente formada por uma hierarquia de unidades, ou seja, as grandes unidades da composição são constituídas por unidades menores, as quais, por sua vez, são compostas de unidades ainda menores, e assim por diante. Uma história típica é formada de várias partes principais; cada parte contém uma série de episódios; cada episódio é composto de vários parágrafos; e cada parágrafo é feito de várias frases. O livro de Juízes, por exemplo, compreende três unidades maiores: prólogo (1.1—3.6), corpo principal (3.7—16.31) e epílogo (17.1—21.25). O corpo principal, por sua vez, é composto de sete histórias sobre os sete principais juízes. Cada uma dessas histórias contempla uma série de episódios; cada episódio engloba vários parágrafos; cada parágrafo é formado de frases. Beekman, Callow e Kopeseć descrevem esse processo hierárquico da seguinte maneira:

Um princípio corolário da observação feita por [George] Miller ressalta a hierarquia. À medida que a informação se acumula, unidades menores, que variam de três a nove, serão combinadas para formar uma unidade maior. Quando a quantidade dessas unidades maiores alcança um número entre três e nove, elas precisam ser combinadas, e, assim, o processo hierárquico se torna essencial para uma compreensão da linguagem e uma análise da estrutura comunicativa.<sup>14</sup>

Uma análise da estrutura literária de um livro do AT deveria começar pela identificação de suas unidades constituintes, incluindo as de nível primário, secundário e, se necessário, terciário. A tarefa de identificar unidades será discutida com mais detalhes no capítulo 2.

#### ***Analisar o arranjo das unidades***

A segunda etapa do estudo da estrutura de uma composição é a análise do arranjo das unidades. As unidades constituintes de uma composição

<sup>14</sup>Beekman; Callow; Kopeseć, *The semantic structure of written communication*, p. 14-5; cf. Pickering, *Framework for discourse analysis*, p. 10, 18; Bar-Efrat, “Analysis of structure in Biblical narrative”, p. 156. Esse princípio é às vezes chamado de “recorrência”; veja, e.g., Beekman; Callow; Kopeseć, *The semantic structure of written communication*, p. 18, 131; H. Van Dyke Parunak, *Structural studies in Ezekiel* (tese de Ph.D., Universidade de Harvard, 1978), p. 9, n. 12.

são necessariamente organizadas de uma forma ou de outra. Neste livro, por exemplo, organizei as grandes unidades literárias (i.e., capítulos) em um padrão linear (a-b-c) que começa com uma introdução geral (este capítulo), seguida de diversos capítulos que tratam de assuntos introdutórios mais específicos, sucedidos por uma série de capítulos sobre os livros do Antigo Testamento em sequência. Já o livro de Jonas tem (além de seu esquema cronologicamente linear) um esquema de arranjo claramente paralelo:

- 
- a comissionamento de Jonas (1.1-3)
  - b Jonas e os marinheiros pagãos (1.4-16)
    - c a piedosa oração de gratidão de Jonas (1.17–2.10 [2.1-11])
  - a' recomissionamento de Jonas (3.1-3a)
  - b' Jonas e os ninivitas pagãos (3.3b-10)
    - c' a ressentida oração indignada de Jonas (4.1-4)
    - d a lição de Deus a Jonas (4.5-11)
- 

Esquemas não lineares, particularmente os simétricos (a-b-c-b'-a')<sup>15</sup> e paralelos (a-b-c-a'-b'-c'), são muito comuns no Antigo Testamento. A tarefa de analisar o arranjo de unidades será discutida mais detalhadamente no capítulo 3.

### **Estudar a relação da estrutura com o significado**

A terceira etapa na análise da estrutura de uma composição é o estudo da relação da estrutura com o significado e a mensagem da composição. A organização de uma obra literária contribui para o sentido da obra e é inseparável dele.<sup>16</sup> Em outras palavras, o esquema de uma composição geralmente reflete o foco principal do autor, os pontos que ele quer enfatizar, seus objetivos etc. Portanto, representa um caminho importante para entender melhor a intenção dele.

---

<sup>15</sup>O uso de uma plica (ou linha) após uma letra indica que a unidade assim marcada é de alguma forma análoga a uma unidade anterior marcada com a mesma letra. Por exemplo, entende-se que uma estrofe marcada b' faz par com uma estrofe anterior marcada b.

<sup>16</sup>Isso é afirmado por vários estudiosos. Por exemplo, Muilenburg, "Form criticism and beyond", *Journal of Biblical Literature* 88 (1969), p. 9, escreve: "A análise correta da estrutura de uma passagem é extremamente importante [...] para entender o propósito e a intenção do autor"; veja também Bar-Efrat, "Analysis of structure in Biblical narrative", p. 172.

Por exemplo, em um arranjo simétrico (quíástico), a unidade central geralmente funciona como o ponto de virada, ou clímax, ou o destaque da peça (e.g., a-b-c-d-c'-b'-a'). Assim, no simetricamente organizado livro de Amós, a unidade central (Am 5.1-17) apresenta o chamado de Amós ao arrependimento; em Cântico dos Cânticos, o centro (Ct 3.6—5.1) é o clímax do livro, em que é celebrado o casamento dos amantes; e, em Rute, o centro (Rt 2) representa o ponto de virada da história — o encontro de Rute e Boaz. Assim, caso se verifique que a configuração de uma composição é simétrica, o papel fundamental da unidade central no livro deve ser considerado. Por sua vez, em um esquema linear ou padrão paralelo, a unidade final muitas vezes apresenta o clímax ou o destaque (como acontece em Jonas). Esse assunto será discutido detalhadamente no capítulo 4.

### **Pesquisas anteriores da estrutura literária**

O interesse pela estrutura literária na Bíblia Hebraica desenvolveu-se nos últimos anos. No entanto, o assunto não é, de modo algum, novo para a erudição bíblica.

#### **Primeiros trabalhos**

Um dos primeiros esforços para identificar unidades literárias nos livros do Antigo Testamento evidencia-se nas letras hebraicas isoladas *sāmek* (ס, que significa *sētumâ*, "fechado") e *pēh* (פ, que significa *pētuaḥ*, "aberto") encontradas em toda a Bíblia Hebraica. Essas letras aparecem periodicamente em todos os livros e geralmente, embora nem sempre, assinalam quebras naturais no texto.<sup>17</sup> *Pēh* marca o início de uma seção mais longa ("aberta"); *sāmek* indica uma seção mais curta ("fechada"). No Pentateuco, há 290 seções abertas e 379 seções fechadas.<sup>18</sup> Em Gênesis 22—25, por exemplo, *pēh* aparece antes de 22.1, 20; 25.1, 19, e *sāmek* antes de 23.1; 24.1; 25.12. Cada uma delas coincide perfeitamente com o início de um novo episódio ou quebra natural dentro de uma história. Esses marcadores de unidade são anteriores à *Mishná* (século 3 d.C.). Portanto, representam um primeiro esforço para

---

<sup>17</sup>Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (New York: Harper, 1948), p. 81, observa três divisões mal colocadas, após Êxodo 6.28, Isaías 56.9, Ageu 1.14.

<sup>18</sup>*Ibidem*, p. 81.

determinar a estrutura interna dos vários livros da Bíblia Hebraica.<sup>19</sup>

Outra tentativa inicial de marcar a estrutura interna dos livros do Antigo Testamento foi a divisão dos livros em capítulos. Essas divisões em capítulos foram feitas pela primeira vez por Stephen Langton, arcebispo de Cantuária, no século 13, e foram incorporadas em manuscritos hebraicos por volta do ano 1330 d.C.<sup>20</sup> As divisões em capítulos, como as divisões *sêtumâ* e *pêtuaḥ*, geralmente, mas nem sempre, correspondem a unidades naturais dentro dos livros.<sup>21</sup> Elas representam uma tentativa genuína de identificar a estrutura dos livros bíblicos.

### A escola britânica

O interesse moderno em padrões organizacionais da Bíblia Hebraica começou na Inglaterra com o estudo do bispo Robert Lowth, em 1753.<sup>22</sup> Estudando a prática hebraica de organizar versos poéticos no que chamou de paralelismo, Lowth notou que a poesia hebraica, em geral, era organizada em versos, e cada verso comumente era composto de duas linhas emparelhadas. Ele identificou três tipos comuns de emparelhamento entre as duas linhas: paralelismo sinônimo, antitético e sintético. No paralelismo sinônimo, a segunda linha repete a ideia básica da primeira linha:

Os céus proclamam a glória de Deus  
o firmamento exhibe as obras de suas mãos.  
Salmos 19.1 [19.2]

No paralelismo antitético, a segunda linha contraria a ideia básica da primeira:

<sup>19</sup>Emanuel Tov, *Textual criticism of the Hebrew Bible* (Minneapolis: Fortress, 1992), p. 50-1 [Publicado em português por BVbooks sob o título *Crítica textual da Bíblia Hebraica*].

<sup>20</sup>Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, p. 81; Tov, *Textual criticism of the Hebrew Bible*, p. 52. As divisões de versículos da Bíblia Hebraica, por sua vez, antecedem à *Mishná* (ca. 200 d.C.), embora só tenham sido finalmente padronizadas com o texto de ben Asher (século 10). A numeração dos versículos do Antigo e do Novo Testamento foi estabelecida por Robert Stephanus em 1551 (Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, p. 80).

<sup>21</sup>Tov, *Textual criticism of the Hebrew Bible*, p. 52, menciona algumas quebras de capítulo mal escolhidas: Gn 2.1; Êx 17.1; 22.1; Dt 12.1; Sl 43.1; Is 10.1.

<sup>22</sup>Robert Lowth, *Lectures on the sacred poetry of the Hebrews* (1753; reimpr. London: Tegg, 1835).

O SENHOR conhece o caminho dos justos  
mas o caminho dos ímpios perecerá.  
Salmos 1.6

O paralelismo sintético é uma espécie de terceira categoria genérica em que a segunda linha, de uma forma ou de outra, reforça a ideia da primeira:

O SENHOR é o meu pastor  
nada me faltará.  
Salmos 23.1

O trabalho de Lowth inspirou outros a procurar padrões semelhantes ou adicionais em planos mais amplos, até mesmo envolvendo um livro inteiro. Seu aluno mais influente, John Jebb, foi ainda além.<sup>23</sup> Ele observou que os padrões que Lowth havia descoberto nos versículos hebraicos também ocorriam no nível do parágrafo ou da estrofe. Uma estrofe inteira, por exemplo, poderia ser organizada de acordo com o paralelismo sinônimo (e.g., a-b-c || a'-b'-c'). Jebb também fez outra contribuição extremamente importante para o estudo da estrutura literária hebraica: ele identificou um quarto tipo de paralelismo hebraico, o quiasmo ou padrão introvertido, no qual os elementos do segundo verso correspondem aos do primeiro em ordem inversa (a-b-c || c'-b'-a'). Combinando as duas contribuições, ele escreveu: "Há estrofes construídas de tal forma que, qualquer que seja o número de versos, o primeiro é paralelo ao último; o segundo, ao penúltimo; e assim por diante, em uma ordem que se volta para dentro, ou, usando uma expressão militar, dos flancos para o centro. Isso pode ser chamado de paralelismo introvertido".<sup>24</sup>

Em 1824, Thomas Boys apresentou a hipótese de que, se os escritores bíblicos utilizavam esses padrões estruturais nos níveis de versículo e parágrafo/estrofe, sem dúvida teriam empregado os mesmos padrões em segmentos ainda

<sup>23</sup>John Jebb, *Sacred literature* (London: Cadell & Davies, 1820).

<sup>24</sup>Ibidem, p. 57. Outra contribuição útil de Jebb foi sua sugestão de que o "paralelismo sinônimo" de Lowth nunca era estritamente sinônimo. Jebb prefere chamá-lo de "paralelismo cognato" para englobar a variedade de correspondências atestadas.

maiores, que englobavam livros inteiros.<sup>25</sup> Para demonstrar isso, Boys fez aparentemente as primeiras análises estruturais modernas de livros bíblicos inteiros estudando a organização interna de 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, Filemom, 2 Pedro e alguns Salmos.<sup>26</sup> Embora as análises de Boys possam ter sido forçadas, sua suposição básica era intrigante e inspirou outros estudiosos a procurarem padrões quiásticos e outros para explicar os esquemas de vários livros da Bíblia.

O mais minucioso desses trabalhos foi o de E. W. Bullinger, que, seguindo o exemplo de Boys, publicou análises estruturais de praticamente todos os livros da Bíblia na segunda metade do século 19.<sup>27</sup> No século 20, dois estudiosos continuaram a construir sobre as bases da escola britânica: Nils W. Lund, que fez análises estruturais de livros bíblicos dos dois Testamentos (incluindo Filemom, Apocalipse e Habacuque), e Yehuda Radday, que publicou uma série de cinco estudos em que procurou demonstrar os arranjos quiásticos de vários livros da Bíblia Hebraica.<sup>28</sup> Embora esses esforços, em grande parte, não fossem convincentes, eles conseguiram chamar a

atenção continuamente para a questão da estrutura literária na Bíblia Hebraica.<sup>29</sup>

### **A escola continental**

Independentes da escola britânica, e alguns anos depois dela, vários estudiosos continentais seguiram linhas semelhantes em relação à estrutura no Antigo Testamento. Em 1896, D. H. Müller publicou um estudo de alguns dos padrões estruturantes usados pelos profetas hebraicos.<sup>30</sup> Concentrando-se principalmente no nível do parágrafo ou estrofe, ele identificou os mesmos padrões já descobertos por Lowth e Jebb (o “responso” de Müller é o paralelismo “sinônimo” e “antitético” de Lowth; e sua “inclusão” é o “quiasmo” de Jebb). Além disso, também descobriu outra técnica de estruturação hebraica, que ele chamou de “concatenação”. Nessa técnica (às vezes chamada de “entrelaçamento”), o mesmo elemento aparece no final de uma unidade e no início da próxima.

Durante os cinquenta anos ou mais que se seguiram, A. Condamin, Umberto Cassuto e Enrico Galbiati aplicaram os princípios de Müller a níveis maiores e até mesmo a livros inteiros, oferecendo estudos estruturais de Jeremias, Isaías, Lamentações e Êxodo.<sup>31</sup>

### **Estudos recentes**

As últimas décadas viram um crescimento dramático na investigação da estrutura literária no Antigo Testamento. Um grande impulso para a nova avalanche de estudos estruturais foi o famoso discurso de James Muilenburg, presidente

<sup>25</sup>Thomas Boys, *Tactica Sacra* (London: Hamilton, 1824). A metodologia de Boys é instrutiva: ele começa determinando os parágrafos constituintes do livro utilizando os padrões microestruturais que Lowth e Jebb descobriram; em seguida, examina como os parágrafos foram organizados para formar todo o livro, supondo que seguiam os mesmos padrões usados em níveis menores (i.e., os quatro tipos de paralelismo identificados por Lowth e Jebb).

<sup>26</sup>Thomas Boys, *Key to the Book of Psalms* (London: Seeley, 1825), Usando as notas marginais do próprio Boys sobre os salmos não estudados na primeira edição, E. Bullinger revisou e reeditou esse trabalho em 1890 (London).

<sup>27</sup>E. W. Bullinger, *The companion Bible* (London: Oxford University Press, s.d.). Outro estudioso britânico do século 19, John Forbes, buscou características estruturais em várias unidades menores e também tentou a análise estrutural de todo o livro de Romanos; veja suas obras *The symmetrical structure of Scripture* (Edinburgh: Clark, 1854) e *Analytical commentary on the Epistle to the Romans* (Edinburgh: Clark, 1868).

<sup>28</sup>Nils W. Lund, *Chiasmus in the New Testament* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1942); idem, “The literary structure of the Book of Habakkuk”, *Journal of Biblical Literature* 53 (1934), p. 355-70; Yehuda Radday, “On chiasm in Biblical Narrative”, *Beth Miqra* 20-21 (1964), p. 48-72 [em hebraico]; idem, “Chiasm in Samuel”, *Linguistica Biblica* 9-10 (1971), p. 21-31; idem, “Chiasm in Torah”, *Linguistica Biblica* 19 (1972), p. 12-23; idem, “Chiasm in Joshua, Judges, and others”, *Linguistica Biblica* 27-28 (1973), p. 6-13; idem, “Chiasm in Kings”, *Linguistica Biblica* 31 (1974), p. 52-67.

<sup>29</sup>Para uma breve história dos estudos estruturais pelas escolas britânica e continental, veja Parunak, *Structural studies in Ezekiel*, 2—24. Um levantamento das tendências nas abordagens literárias da Bíblia (datado, mas ainda útil) encontra-se em Richard Coggins, “Keeping up with recent studies X: The literary approach to the Bible”, *Expository Times* 92 (1984), p. 9-14.

<sup>30</sup>D. H. Müller, *Die Propheten in ihrer ursprünglichen Form* (Vienna: Hölder, 1896).

<sup>31</sup>A. Condamin, *Le Livre de Jérémie*, Études Bibliques (Paris: Lecoffre, 1902); idem, *Le Livre d’Isaïe*, Études Bibliques (Paris: Lecoffre, 1905); idem, “Symmetrical repetitions in Lamentations Chapters i and ii”, *Journal of Theological Studies* 7 (1905), p. 137-40; Umberto Cassuto, “The prophecies of Jeremiah concerning the gentiles”, in: *Biblical and Oriental Studies*, tradução para o inglês de Israel Abrahams (Jerusalem: Magnes, 1973), v. 1, p. 178-226; Enrico Galbiati, *La struttura letteraria dell’ Esodo*, *Scrinium Theologicum* 3 (Rome: Paoline, 1956).



da Sociedade de Literatura Bíblica, proferido em 1968, no qual ele comentou a necessidade de um novo foco nas características literárias dos textos bíblicos.<sup>32</sup> Desde então, estudos literários da Bíblia Hebraica surgem em um ritmo cada vez maior, e muitos deles contribuíram, pelo menos indiretamente, para a compreensão da estrutura literária no Antigo Testamento.<sup>33</sup>

Ao mesmo tempo, começaram a surgir algumas análises estruturais de livros inteiros muito mais convincentes que as anteriores. O trabalho de D. W. Gooding sobre o livro dos Juízes, por exemplo, é particularmente notável, assim como o de Parunak sobre Ezequiel, o de J. Cheryl Exum sobre Cântico dos Cânticos e o de William

Shea sobre Lamentações.<sup>34</sup> Essas e outras contribuições serão discutidas detalhadamente nos capítulos seguintes.

### Escopo do presente estudo

Apesar do incremento no número de trabalhos nessa área nas últimas décadas, até agora não há nenhum estudo amplo de estrutura literária na Bíblia Hebraica e são poucas as análises adequadas da estrutura de livros do Antigo Testamento. O campo de pesquisa ainda está em sua infância,<sup>35</sup> e uma investigação abrangente é uma das maiores necessidades nos estudos bíblicos atuais. O objetivo do presente trabalho é ajudar a suprir essa carência.

A primeira parte deste livro (caps. 1—5) explora questões introdutórias, particularmente procedimento e metodologia. A segunda parte (caps. 6—38) compreende uma série de estudos estruturais de cada livro da Bíblia Hebraica. Esses estudos têm dois objetivos principais: analisar a organização interna do livro bíblico e considerar de que modo uma compreensão da estrutura do livro lança luz sobre seu significado e sua mensagem.<sup>36</sup> Um capítulo final (39) resume o trabalho e oferece sugestões para estudos posteriores.

<sup>32</sup>O discurso de Muilenburg foi subsequentemente publicado como “Form criticism and beyond”, *Journal of Biblical Literature* 88 (1969), p. 1-18. Veja também seu importante artigo: “A study in Hebrew rhetoric: repetition and style”, in: *Congress Volume: Copenhagen 1953* (Vetus Testamentum Supplement 1; Leiden: Brill, 1953), p. 97-111. O próprio Muilenburg (“Form criticism and beyond”, p. 12-8) deu uma importante contribuição para o estudo das práticas estruturantes hebraicas ao identificar algumas técnicas usadas pelos escritores bíblicos para iniciar e concluir unidades literárias.

<sup>33</sup>Cabe aqui mencionar os valiosos trabalhos de vários estudiosos: William L. Holladay, “Recovery of poetic passages in Jeremiah”, *Journal of Biblical Literature* 85 (1966), p. 401-35, esp. p. 406-12; idem. *The architecture of Jeremiah 1—20* (London: Associated Universities Press, 1976); S. Bar-Efrat, *Narrative art in the Bible* (Sheffield: Almond, 1989); idem, “Analysis of structure in Biblical narrative”; Jacob Licht, *Storytelling in the Bible* (Jerusalem: Magnes, 1978); Michael Fishbane, *Text and texture: Close readings of selected Biblical texts* (New York: Schocken, 1979); idem, “Recent work on Biblical narrative”, *Prooftexts* 1 (1981), p. 99-104; Parunak, “Oral typesetting”; idem, “Some axioms for literary architecture”; William H. Shea, “The chiastic structure of the Song of Songs”, *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 92 (1980), p. 379-96; Robert Alter, *The art of Biblical narrative* (New York: Basic Books, 1985) [Publicado em português por Companhia das Letras sob o título *A arte da narrativa bíblica*]; idem, *The world of Biblical literature* (New York: Basic Books, 1992); Meir Sternberg, *The poetics of Biblical narrative* (Bloomington: Indiana University Press, 1985); Adele Berlin, *Poetics and interpretation of Biblical narrative* (Sheffield: Almond, 1983); Phyllis Trible, *Rhetorical criticism: context, method, and the Book of Jonah* (Minneapolis: Augsburg Fortress, 1994). Duas recentes coleções de ensaios literários não podem ser esquecidas: Robert Alter; Frank Kermode, orgs., *The literary guide to the Bible* (Cambridge, EUA: Harvard University Press, 1987) [Publicado em português por Unesp sob o título *Guia literário da Bíblia*]; Leland Ryken; Tremper Longman III, orgs., *A complete literary guide to the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1993).

<sup>34</sup>D. W. Gooding, “The composition of the Book of Judges”, *Eretz-Israel* 16 (1982), p. 70\*-79\*; Parunak, *Structural studies in Ezekiel*; J. Cheryl Exum, “A literary and structural analysis of the Song of Songs”, *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft* 85 (1973), p. 47-79; William H. Shea, “The *Qinah* structure of the Book of Lamentations”, *Biblica* 60 (1979), p. 103-7.

<sup>35</sup>Assim dizia Alter em 1985 (*Art of Biblical narrative*, p. 12-3), e a situação continua a mesma.

<sup>36</sup>Minhas razões para me concentrar na forma final de cada livro e deixar de lado questões controversas envolvendo a história pregressa do texto são duas. Primeira, a forma final desses livros é tudo o que temos. Segunda, a forma final de cada livro, por si só, é certamente digna de estudo, independentemente de sua história pregressa e de haver sido elaborado por um autor original ou por um editor posterior que combinou várias fontes anteriores para montar o livro que temos agora. Além disso, o estudo da forma final dos livros bíblicos pode lançar nova luz sobre questões relativas à composição. Por exemplo, o estudo estrutural pode ajudar a explicar peculiaridades e irregularidades em um texto de forma a pôr a questão de sua história pregressa sob novo foco. No final, é claro, todos estão trabalhando para atingir um mesmo objetivo: descobrir a melhor maneira de explicar o texto como o temos agora.